

# Literatura Afro-Brasileira: uma Proposta Metodológica na Vivência da EJA a partir da Obra *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo

*La Literatura Afrobrasileña: una Propuesta Metodologica em la Vivencia  
de la EJA a Empezar por la Obra Becos da Memória, de Conceição  
Evaristo*

*African-Brazilian Literature: a Methodological Proposal in EJA Living,  
From the Work “Becos da Memória” by Conceição Evaristo*

Diego Plá da Luz <sup>1</sup>

Dr. Gustavo Henrique Rückert <sup>2</sup>

## Resumo

Sabe-se que, apesar de sua importância na formação de sujeitos socialmente críticos e atuantes, a literatura pouco tem sido abordada nas instituições de ensino básico. Na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a situação é ainda pior, e o trabalho com a leitura de obras literárias costuma ser raro. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica que abordará a necessidade do estudo de Literatura a partir das questões afro-brasileiras, infelizmente uma abordagem ainda rara na maioria das instituições de ensino. Os estudos teóricos e críticos utilizados como aporte para as reflexões promovidas são de estudiosos da literatura e da cultura como: Antônio Cândido, Lígia Chiappini Moraes Leite, Maria Helena Martins, Nilma Lino Gomes e Rildo Cosson.

*Palavras Chave:* Ensino, Literatura afro-brasileira, Educação de Jovens e Adultos.

## Resumen

*La literatura, a pesar de su importancia en la formación de sujetos socialmente críticos y actuantes, ha sido poco abordada en las instituciones de enseñanza básica. En la modalidad de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), la situación empeora, siendo inusual el trabajo con obras literarias. En este sentido, este trabajo tiene como objetivo presentar una propuesta metodológica que aborda la necesidad del estudio de Literatura, con énfasis en la cultura afro brasilera, un tema que infelizmente es poco tratado en la mayoría de las instituciones de enseñanza. Los estudios teóricos críticos utilizados en este trabajo fueron los escritos de estudiosos como Antonio Cândido, Lígia Chiappini Moraes Leite, Maria Helena Martins, Nilma Lino Gomes e Rildo Cosson.*

*Palabras Clave:* Enseñanza, Literatura afro brasilera, Educación de Jóvenes y Adultos

## Abstract

*We know that, despite its importance in the formation of socially critical and active **subjects**, literature has been approached in basic education institutions. The Young and Adults Education Mode (EJA), the situation is even worse, the working with the reading of literary works usually rare. Thus, this work aims is to show a*

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pampa – Unipampa; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; [dpl.luz@gmail.com](mailto:dpl.luz@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Letras; Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM; Diamantina, Minas Gerais, Brasil; [gh.ruckert@gmail.com](mailto:gh.ruckert@gmail.com).

*methodology will address the need of Literature study from the african-brazilian issues, unfortunately even rare approach in most educational institutions. Theoretical studies and critics has used in this article as a contribution were the writings of scholars of Literature being: Antonio Candido ,Ligia Chiappini Moraes Leite, Maria Helena Martins, Nilma Lino Gomes and Rildo Cosson.*

*Key Words: Education, African-Brazilian Literature and Young and Adult Education.*

## **1 ALGUMAS PALAVRAS**

Sempre tive a sensação de que minha relação com a Literatura se deu tardiamente. Mas, não sabia eu que quando era criança os gibis e as revistas os quais eu me arriscava a ler também podem ser consideradas obras da Literatura. Essas leituras aconteciam pelos estímulos de meus pais, que os compravam, quando a situação econômica permitia, para que eu e meu irmão mais moço pudéssemos ler. Havia muita resistência de nossa parte com a leitura. Queríamos brincar com os colegas e realizar qualquer outra atividade, menos ler.

Ao longo do Ensino Fundamental, não me recordo de trabalhos realizados por parte de meus professores que incluíssem a Literatura. Sempre muitos recortes de jornais, vídeos ou folhas mimeografadas com pequenos textos. Como não tínhamos a disciplina de Literatura, as aulas de Língua Portuguesa abordavam em sua maioria a parte gramatical.

No Ensino Médio, tive a oportunidade de conhecer a disciplina de Literatura. Mas, como meus colegas, achava que não passava de uma disciplina que trazia palavras rimadas, textos esteticamente bonitos e mensagens amorosas. Lembro de minha primeira aula, de meu primeiro professor e dos primeiros sentimentos ao ler o poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. Foi sensacional! Sentia algo diferente, mas não sabia o que.

A partir desta primeira aula, sempre ficava à espera do próximo encontro. Encontro que demorava a acontecer pelo motivo de a disciplina ter apenas um período na grade curricular. Muitas aulas aconteceram ao longo do Ensino Médio, e neste período, o qual durou três anos, pude ter a felicidade de ter aulas com o mesmo professor. Aulas perfeitas, mensagens sempre presentes entre poemas e contos.

Todos esses acontecimentos despertaram em mim a vontade de ser professor e quem sabe, se o destino permitisse, seria um professor de Literatura. Gostava também de História e me mantinha em dúvida, mas a Literatura me conquistou.

Ao ingressar na universidade, tinha certeza de que aquilo que queria estava se realizando. As aulas de Literatura eram as aulas que mais me chamavam a atenção. A partir do contato mais seguido com a disciplina, logo me envolvi e participava das jornadas literárias, fazia parte do grupo teatral da universidade e acompanhava as palestras que aconteciam na instituição.

Em meio a esta formação, veio a prática de estágio, na qual trabalhei em uma turma de segundo ano do Ensino Médio. Foi designado a mim trabalhar o período literário do Romântismo. Assim, como na realidade, é apresentada a Literatura nas escolas públicas. Autores canônicos e períodos literários formam a base do ensino nas instituições de ensino básico. O resultado desta prática foi que me apaixonei pelo trabalho e tive a certeza de que era à frente de uma turma e dentro de uma sala de aula que eu queria trabalhar.

Pensei no próximo passo e este seria uma seleção de mestrado, mas não me senti com capacidade para tentar tal seleção. Percebi que me faltavam leituras. Acabei me inscrevendo em uma especialização em Literatura Comparada na Universidade Federal de Pelotas em 2014, a qual não se realizou pelo motivo de ter apenas eu e mais dois inscritos.

Encontrei mais uma especialização de Literatura, mas em Jaguarão, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Mais uma vez, não havia número suficiente de alunos. O edital precisou ser reaberto e a turma foi formada trinta dias depois. Assim, tornou-se possível eu ingressar em uma pós-graduação ainda no ano de 2014.

Neste momento, ao iniciar esta etapa, foi apresentada a mim uma outra Literatura, diferente da qual eu conhecia e imaginava como verdadeira. Autores desconhecidos, contos nunca lidos por mim, poemas diversos, mensagens, críticas, reflexões e possibilidades de expressar sentimentos através da Literatura. Tudo muito diferente, pois a idealização de Literatura que eu conhecia era a escrita clássica, com palavras que distanciavam os alunos da disciplina.

Após esta percepção, me tornei curioso e comecei a buscar poemas, contos e romances de autores até então desconhecidos. E lendo uma coletânea de contos de Conceição Evaristo, *Olhos D' água*, pude ter a certeza que através da Literatura podemos mudar realidades de nossos alunos, despertar neles a possibilidade de refletir, criar, criticar e mudar sua realidade.

A partir desse sentimento, trago esta proposta metodológica que permitirá através do trabalho com a obra literária *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, fazer com que os alunos do Ensino Fundamental de EJA reflitam acerca das suas realidades e se sintam capazes de ser leitores e autores de obras que descrevam a realidade vivenciada na comunidade na qual estão inseridos.

Primeiramente, abordarei a importância da presença da Literatura no Ensino Fundamental, mais especificamente na modalidade de EJA, modalidade esta que não tem Literatura constituída como disciplina. Posteriormente, tratarei sobre a Lei 10639\03, que aborda a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana, assim, trazendo a

importância do povo negro e destacando que nossos alunos negros possam romper barreiras e se tornarem protagonistas, tendo como exemplo a autora que será o pivô do trabalho.

Como proposta metodológica trago um trabalho a ser realizado a partir da leitura da obra literária *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. Esta proposta será constituída de cinco passos baseados na proposta metodológica de Rildo Cosson (2011): pré-leitura, leitura, pós-leitura, escrita e divulgação. Assim será possível os discentes realizarem um trabalho por completo, envolvendo desde a motivação para a leitura até a produção e divulgação de textos.

Para finalizar este artigo, irei trazer algumas considerações finais abordando a importância da realização desta proposta para a formação dos alunos como sujeitos da sociedade atual.

## **2 LITERATURA NA ESCOLA**

A Literatura é uma manifestação artística que acompanha o desenvolvimento do ser humano, munindo-o com a ficção necessária para compreender e enfrentar as dificuldades do seu cotidiano. Também propicia uma forma privilegiada de comunicação capaz de prover textos a leitores de tempos e espaços diferentes.

Assim afirma Antônio Candido (1995, p. 174):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.

Além disso, as obras literárias permitem que os leitores, sejam estes de qualquer idade, reflitam e desenvolvam seu senso crítico em relação aos fatos que enfrentam em suas jornadas diárias.

Com este pensamento, refletimos sobre a importância do trabalho com Literatura em nossas escolas. É necessário que haja a adequação dos docentes para que se possa ler, interpretar e criar Literatura na escola. Escola, a qual deveria servir de espaço a alunos que no seu dia-a-dia encontram pouco tempo a ser destinado à prática de leitura.

O ensino de Literatura deveria transcender os limites da própria disciplina, utilizando os textos literários como ferramenta para transformar o aluno em um sujeito ativo, capaz de compreender não só textos, mas o contexto do seu cotidiano, modificando-o de acordo com as suas necessidades. Assim, o texto literário poderia ser objeto de um ensino interdisciplinar,

que tem por objetivo dar autonomia ao aluno não apenas em sua jornada estudantil, mas também em sua vida.

Atualmente, o gosto pela leitura de textos literários diminuiu bastante. Algumas análises mais simplistas atribuem o desinteresse pela literatura aos avanços tecnológicos. Ao contrário disso, acreditamos que a abordagem dos textos literários geralmente realizados na escola é uma das principais responsáveis por esse desprestígio.

Geralmente o primeiro contato que os alunos têm com textos literários é por meio de obras (poemas ou contos) que devem ser classificadas a um determinado período literário. Tudo isso em uma linguagem arcaica ou técnica que acaba dificultando a compreensão, a relação e a reflexão por parte do aluno.

As escolas que normalmente trabalham com livros didáticos acabam reproduzindo a seleção de textos literários do material, ou seja, ficam restritas aos autores canônicos. Esse é mais um aspecto que influencia negativamente para o afastamento dos alunos com o mundo literário, reforçando com estes materiais um distanciamento dicotômico entre os conhecimentos dos intelectuais e os saberes dos alunos. Desta forma, é estabelecido no processo educativo um limite que impede o diálogo afetivo com os textos literários e impossibilita que os alunos se reconheçam futuramente também como potenciais leitores e autores de Literatura.

Na maioria das escolas, a metodologia e os recursos ainda não visam romper essas barreiras e não atendem aos interesses dos alunos que em sua grande parte são de origens humildes. Para que ocorra o engajamento do aluno com a leitura literária é preciso que ele enxergue sua história, reflita suas dificuldades e incentive suas mudanças.

O trabalho com textos e obras literárias existe por momentos na vida escolar dos alunos. Geralmente na educação infantil ela é utilizada mais frequentemente. Durante o ensino fundamental, pouquíssimas vezes; e no ensino médio, acontece a sistematização da disciplina.

Assim, o ensino de Literatura é bastante irregular, na educação infantil são utilizados contos de fadas e história em quadrinhos entre outros. Já no ensino fundamental II, é quase inexistente o trabalho com textos e obras literárias. E quando abordados os textos literários, estão em meio à disciplina de Língua Portuguesa e servem para meras análises gramaticais. Já no ensino médio, a Literatura se concretiza como disciplina passando a se tornar algo sistematizado e estanque, parecendo o livro mais um dado cronológico morto do que um espaço vivo de interação entre sujeitos.

Apesar de todas essas dificuldades, ainda acredito que o maior problema da vida escolar em relação a não utilização e falta de prática de leitura de textos literários se encontre na educação de Jovens e Adultos (EJA), pela inexistência desta abordagem. A abordagem da Literatura não recebe a real importância quando explorada no ensino, já que a mesma atende à exigência da seleção, que viabiliza o ingresso à universidade de modo pragmático. A Literatura, muito mais do que isso, consiste em mais um importante acesso a conhecimentos estéticos, históricos, sociais e filosóficos construídos socialmente. Também e não menos importante, deve tornar-se um meio profundo e reflexivo no qual estes alunos possam ampliar esses saberes, numa relação pedagógica onde seja possível organizar e problematizar o conhecimento do homem sobre o mundo à sua volta, mas também quanto aos saberes que esses mesmos homens ainda não acessaram.

A Literatura é uma forma de artística que também pode explorar os sentimentos mais profundos os quais outros homens muitas vezes não conseguiram expressar com a mesma intensidade. A mesma sofre um esvaziamento do seu sentido, quando não conseguimos contagiar o aluno quanto à riqueza que carrega do olhar de quem a produz e a forma com que se torna um tesouro nos olhares íntimos de quem a explora, tornando-se uma permanente e atual forma de comunicar-se.

Lígia Chiappini Moraes Leite (1988, p.12) atribui uma significação para o texto literário: “O texto literário [...] não só exprime a capacidade de criação e o espírito lúdico de todo ser humano, pois todos nós somos potencialmente contadores de histórias, mas também é a manifestação daquilo que é mais natural em nós: a comunicação”.

Partindo do pressuposto de que o papel de nossas escolas deve ser formar nossos alunos como leitores que saibam interpretar o mundo e suas relações, devemos refletir sobre as possibilidades de um trabalho que contemple essa proposta. Assim, podemos perceber que a forma de abordagem geralmente feita nas escolas não cumpre essa proposta. Não há uma sequência e sim uma interrupção no meio da formação dos leitores. Existe um início lá na educação infantil, uma enorme pausa durante o ensino fundamental. Nesse momento, quando o aluno alcança a adolescência, deveria estar envolvido com intensidade nas práticas de leitura. No ensino médio existe um retorno ao contato com textos literários, mas também de uma forma direcionada, não proporcionando uma liberdade de reflexão e compreensão.

Então, faz parte do dever do professor conhecer seus alunos e contemplá-los com textos literários que farão sentidos em suas vidas. Dessa forma seria possível que os alunos reconhecessem que há uma boa Literatura, a qual dialoga com os seus contextos e é possível

apreciar, relacionar, criticar e criar a partir de suas leituras. Para Maria Helena Martins (1933, p. 66):

A leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo de relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade.

A EJA, que tem a intencionalidade de ampliar saberes, instigando os alunos a perceberem que o máximo que a escola oportuniza deve ser entendida como o mínimo que eles podem atingir. Sendo assim, busca trazer em suas intervenções uma proposta reflexiva quanto a dificuldades e fracassos, mas também quanto a escolhas e imposições sociais, políticas e econômicas que controlam todos os limites e possibilidades de ser não só aluno mas sujeito da sociedade.

Acredito que a coragem de retornar às salas de aula pode ser enriquecida com a intervenção literária. Levando em conta que nesta modalidade estão inseridas as inúmeras diversidades de idades dos alunos, que são sujeitos com uma variação etária que pode ir dos quinze aos sessenta anos. Muitos com afastamento de até trinta anos do ambiente escolar. Estes em sua maioria estão distantes de qualquer hábito de leitura.

Assim, se torna fundamental a importância do trabalho do professor ao trazer a Literatura a fim de dialogar com as necessidades encontradas pelos alunos em suas vivências. Desse modo, a Literatura seria apresentada e reapresentada aos alunos da EJA como uma forma prazerosa de ver o mundo através do ato de leitura.

### **3 LEI 10.639**

A luta por uma vida melhor e pelos direitos humanos acontece diariamente em nosso país, pois somos humanos e temos direito a viver com liberdade, respeito e dignidade sem que haja qualquer distinção de sexo, cor ou raça.

A exclusão social e a discriminação têm sua origem no início da colonização brasileira, quando os europeus embutiram em nossa sociedade a ideia e sentimento de inferioridade, sendo muitas pessoas excluídas e discriminadas. Entre elas estão os índios, os negros e as pessoas pobres. O enfoque neste artigo será a questão do negro, uma vez que, por motivos sociais e históricos, são muito frequentes em aulas da EJA.



Ao longo dos três primeiros séculos de história do nosso país, foram trazidos milhões de negros africanos. Como escravos, vieram na triste realidade dos navios negreiros. Neste traslado, muitos não sobreviviam aos maus tratos e às condições desumanas de vida.

Chegados ao nosso país, eram comercializados como mercadorias. Assim, os fazendeiros olhavam os negros, com “bons olhos”, visando a mão de obra. Então compravam os negros e os obrigavam aos trabalhos forçados sem qualquer forma de remuneração.

Nesta época, o ensino era destinado aos filhos dos senhores fazendeiros, pois estes tinham que aprender a ler, escrever e ter um bom estudo a fim de ajudar seus pais nos negócios.

Os negros escravos não tinham acesso aos estudos, pois ao sistema vigente não interessava que se desenvolvessem mentes capazes de contestar a ordem escravista, e sim braços fortes para trabalhar e aumentar as riquezas dos fazendeiros.

Diante dessas situações, alguns negros começaram a reagir à escravização, sendo comuns as revoltas nas fazendas em que grupos de escravos fugiam, formando os famosos quilombos nas florestas, lugares em que podiam praticar e cultivar suas cultura, religião e língua.

A libertação dos escravos foi acontecendo por etapas. Logo após as inúmeras fugas dos escravos que formaram os primeiros quilombos, veio o decreto do fim do tráfico de escravos no Brasil em 1850 através da Lei Eusébio de Queiroz. As próximas Leis que surgiram foram a Lei do Ventre Livre e a do Sexagenário, as quais tornavam livres os filhos dos escravos e os que alcançavam a idade de 65 anos.

Em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, se deu a mais significativa mudança. Esta lei, que foi assinada pela Princesa Isabel, deu a liberdade aos negros, assim determinando a abolição da escravização no país.

A escravização chegou ao fim, com o ex-escravo se tornando igual perante a Lei, mas isso não lhe deu garantias de que seria aceito na sociedade. Sem condições econômicas, moradia e assistência do estado, muitos negros passaram por imensas dificuldades após a libertação, sofrendo com a falta de emprego, o preconceito e a discriminação racial.

Perante estas dificuldades, a maioria passou a viver em habitações de péssimas condições e trabalhar em empregos informais e temporários. Continuaram assim a serem explorados pelo sistema capitalista.

Sobre o processo educacional, a figura do ser negro sempre foi bastante excluída. Na época do império, assim que as escolas se tornaram públicas (1854) foi decretado que não



seriam admitidos alunos negros nas escolas do país. A instrução aos negros adultos dependia da disponibilidade dos professores.

Com a proclamação da república, foi se alterando os conceitos sobre a educação. Apenas no ano de 1956 a educação passou a se tornar pública, obrigatória, laica, sem distinção de raça, classes e crenças.

Os estudos em relação aos estereótipos e o preconceito no livro didático no Brasil iniciaram em 1950 e foram retomados em 1980, apontando a depreciação do negro e o enaltecimento extremo ao branco. Já em 1984, em São Paulo, o conselho de participação e desenvolvimento da comunidade negra e o grupo de trabalho para assuntos afro-brasileiros chamaram os professores para problematizar não só as questões envolvendo os livros didáticos, mas para reivindicar a necessidade de rever o currículo, que reforçava o preconceito a discriminação.

Em 1996, fatos importantes se consolidaram, pois foram inseridas as disciplinas de estudos da África no ensino fundamental e médio (de algumas escolas estaduais), atendendo às antigas reivindicações do povo negro. Também o programa nacional do livro didático (PNLD) incluiu nos seus critérios de avaliação dos livros especificamente as questões raciais contra o reforço aos preconceitos.

Em dezembro de 1996 foi criada a lei nº 9394/96 (LDB), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, a fim de tornar a educação pública uma educação de qualidade, buscando a inclusão de todos os indivíduos.

Historicamente, a luta dos movimentos negros sempre foi no sentido de repensar a educação, pois é a partir da escola que a população negra pode ter ascensão. Desta forma a construção de instrumentos de combate às desigualdades raciais e sociais são reconhecidos e reivindicados como fundamentais no espaço de educação e valorização da cultura e História negra.

De acordo com os PCNs:

o grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 2000, p. 32)

Foram as lutas dos movimentos sociais negros, junto a outras entidades negras em buscas de programas de reconhecimento e valorização, os responsáveis pela alteração da Lei

de Diretrizes Básicas (LDB) para incluir no currículo oficial da rede de ensino a Lei 10.639, estabelecendo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”.

A implementação da lei em 2003, a qual foi sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não assegura que tenhamos nas escolas questões que visem o conhecer, reconhecer, respeitar e valorizar o povo negro, tampouco assegura o espaço da História e cultura afro-brasileira e africana. Isso porque a legitimidade acontece em cada prática pedagógica que não se coloca a serviço do branqueamento e da discriminação, promovendo de fato a educação das relações étnico raciais.

A lei possibilita a garantia do espaço das ações e discussões da questão racial no trato pedagógico, numa construção onde a diferença não se relaciona com superioridade ou inferioridade, mas sim riquezas de diferentes grupos étnicos. Os professores precisam pensar o fazer da escola bem diferente da forma com que foram educados, já que é urgente fortalecerem o reconhecimento e valorização do outro

Se é a partir das práticas escolares que a criança negra percebe o que é ser negro neste país, de que forma os educadores se apropriam da legitimidade da necessidade de repensar a escola e suas práticas, se já se passaram mais de doze anos e ainda se discute a obrigatoriedade da educação para as relações étnico-raciais?

É mais do que estudar o negro, mas sim pensar na sua luta diária em que o ser negro tem sido fator da sua dificuldade.

O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre os brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmado que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade oportunidade e de tratamento. (Gomes,2005, p.57).

Nos espaços onde se conserva o mito de democracia racial, impedindo que se reconheça o racismo e discriminação, é fundamental que as ações oportunizem a reflexão e a problematização permanente dos sujeitos ali envolvidos nestes espaços. Desta forma, práticas que atendam a estas necessidades são fundamentais. Neste sentido, apresento uma proposta metodológica de ensino de literatura que considere as questões anteriormente expostas. Assim, pretende-se colaborar para um ensino mais reflexivo e inclusivo, entendendo a literatura como um rico campo de elaboração de saberes sobre o mundo no qual se está inserido.

#### 4: UMA PROPOSTA METOLÓGICA ENTRE BECOS E MEMÓRIAS

Apresento, neste momento, uma metodologia que pode ser utilizada em turmas do 5º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta metodologia está baseada, com algumas alterações, na apresentada por Rildo Cosson, em *Letramento Literário: Teoria e prática* (2011). Como já mencionei anteriormente não há a disciplina de Literatura no Ensino Fundamental da EJA. Assim, proponho que esta seja realizada na disciplina de Língua Portuguesa.

Para o desenvolvimento desta proposta é necessário que o professor disponibilize a seus alunos o livro literário *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, a fim de realizar o trabalho em sala de aula.

Conceição Evaristo é uma autora que tem suas origens em uma comunidade humilde na periferia de Belo Horizonte. Realidade essa que não se fez barreira para que uma mulher, negra, pobre, se tornasse vencedora na vida. Venceu através de sua luta e busca. Esta inquietação ganhou corpo por intermédio de suas escritas.

A Literatura de Conceição Evaristo envolve a ficção, suas vivências e memórias de uma infância e trajetória dura e difícil. Assim nasce o conceito de “escrivivência”, de Conceição, o qual está inserido em suas inúmeras obras e pretende dar conta da relação entre a ficção e a realidade vivida por seu autor.

A obra que se faz objeto desta metodologia é *Becos da memória*. Este livro é composto de uma narrativa descontínua e que contém a riqueza de diversas vozes e gestos de personagens que fizeram parte das vivências, dificuldades e precariedades de uma vida construída em uma humilde favela. Esta favela é retratada na obra como um lugarejo riquíssimo na ótica de seus habitantes. Ao contrário, para a elite que vivia naquela localidade do estado de Minas Gerais, aquele amontoado de barracos tornava-se motivo de preocupação, medo e desvalorização da cidade.

Através de inúmeros personagens e suas diversas características, a autora traz a memória dos excluídos socialmente, como meninos e meninas de rua, bêbados, lavadeiras, vadios, prostitutas e etc. Estes na sua maioria eram negros e sofriam com dramas, tristezas e quase que nenhuma oportunidade de uma vida melhor.

Assim, *Becos da memória* reforça que, mesmo com os processos de marginalização, é impossível apagar a presença do negro na sociedade brasileira. Com busca, luta, perseverança e principalmente resistência, suas memórias inscrevem-se com força na história de nosso país.

O motivo pela escolha desta obra e desta autora se dá a partir da possibilidade de oportunizar aos alunos a reflexão sobre sua formação como sujeitos através da memória e sua

realidade na comunidade em que estão inseridos. O objetivo é fazer com que se desperte o interesse pela leitura e os alunos considerem a possibilidade de se expressarem por intermédio da escrita.

Para a realização desta metodologia, sugiro cinco passos: pré-leitura, leitura, pós-leitura, escrita e divulgação. A seguir abordarei separadamente cada um deles.

### **Pré-leitura:**

Neste primeiro passo, que é ponto de partida da realização da proposta, o professor deverá propor aos alunos que façam um vídeo curto e arbitrário de alguém realizando uma ação no seu dia-a-dia a qual eles acreditam que mereça ser registrada. Estes vídeos devem ser apresentados ao grupo para que possam perceber aproximações e/ou distanciamentos entre estes sujeitos.

O vídeo se torna importante pelo fato de que é possível registrar uma ação que mereça destaque e que eles percebam e surpreendam-se vendo que este fato faz parte de seu dia-a-dia.

Posteriormente a esta atividade, o professor deve solicitar que os alunos escrevam sobre uma figura feminina que em algum momento fez ou faz parte da vida de cada indivíduo, devendo trazer uma foto desta pessoa para ilustrar a escrita.

Neste momento, a escolha pelo gênero feminino se dá a partir da escrita de Conceição Evaristo. Sendo que a autora além de escrever sobre as questões negras no livro, destaca a figura feminina ao longo da escrita.

Esta construção oportuniza refletir e problematizar acerca de onde as memórias ficam guardadas, como as acessamos e em função do que elas continuam existindo.

A partir destas duas atividades, o professor terá a possibilidade de despertar o interesse de leitura da obra, dialogando com os alunos e colocando a possibilidade de que personagens semelhantes a estas duas pessoas trazidas a partir do cotidiano e da memória possam estar inseridas no livro *Becos da memória* pelo fato da obra criar personagens baseados na memória de vivências cotidianas da autora. Este primeiro momento é importantíssimo para a realização desta proposta, pois a partir desta coleta dos vídeos e das primeiras escritas o professor poderá perceber a realidade em que cada aluno se encontra, o que facilitará a condução na parte da leitura.

### **Leitura:**

No segundo passo, momento da leitura da obra, o professor deve propor leitura extraclasse. A leitura deve ser extraclasse pelo motivo da obra ser extensa e impossibilitar esta prática na sala de aula.

Assim, o docente deve organizar esta leitura em partes, determinando períodos para que os alunos realizem parte da leitura estipulada num espaço de tempo. A cada encontro o professor deverá dar liberdade aos alunos para que os mesmos tragam suas experiências através do debate das partes da obra no grupo. Também, a cada encontro, o professor deve abordar detalhes de cada parte que foi lida ao longo do período determinado com o intuito de auxiliar os alunos. Estes encontros para a socialização da leitura servirão de suporte e terão o objetivo de não fazer com que esta prática de leitura, extensa e extraclasse, perca seu foco e objetividade, já que o fio condutor entre as partes será realizado pelo professor.

Neste momento, o professor poderia propor que a turma crie um grupo "fechado" no Facebook, com um nome decidido entre os alunos, para que eles possam colocar suas impressões iniciais e ter acesso à ampliação de aprendizagem, já que poderiam ir qualificando este espaço com descobertas sobre a autora, sobre a obra, sobre o contexto da favela, da mulher e dos negros no Brasil, assim criando um espaço de registro e memória do trabalho neste processo.

A leitura extraclasse assim como o grupo do Facebook se tornam extremamente importantes, pois possibilitam que ambos passem a fazer parte da rotina diária dos mesmos. Fato que se destaca por se tratar de alunos de EJA, os quais em sua maioria trabalham, acordam cedo e chegam tarde em seus lares. Assim o trabalho fará com que os alunos se motivem e criem o hábito de leitura e de envolvimento com os meios tecnológicos.

### **Pesquisa:**

No terceiro passo, já realizada, debatida e refletida a leitura da obra, o professor apresentará a proposta de trabalho a ser realizado por parte dos alunos.

Nesta etapa, o professor irá propor que os alunos busquem na comunidade em que estão inseridos depoimentos de pessoas idosas. Os depoimentos deverão trazer as memórias dos entrevistados. Estas memórias serão fatos que estes indivíduos vivenciaram ao longo de sua vida na comunidade.

Esta pesquisa de campo, realizada pelos alunos, terá a objetividade de mostrar a formação dos sujeitos de suas comunidades e fazer uma relação do passado com o presente, assim percebendo a sua própria formação como sujeito cultural.

Neste momento devem renomear o nome do grupo no Facebook, tendo em vista que já passaram pelo processo de leitura apropriando-se da escrita. Sendo assim os alunos terão subsídios para compor um novo nome relacionando com as vivências entre leitura e construção do trabalho.

### **Escrita:**

No quarto passo, será o momento de produção dos alunos. Nesta etapa o professor deve propor que os mesmos escolham uma das figuras que trouxeram, seja a figura do vídeo, da figura feminina ou a figura que foi entrevistada por cada um. Neste momento, o professor irá expor aos alunos a importância de eles assumirem o papel de escritores, reivindicando assim o posto de sujeitos sociais.

Posteriormente a esta escolha, o docente deverá direcionar os alunos a escreverem uma narrativa criando um personagem e uma situação vivida por ele em sua comunidade. Para isso, serão utilizados como base de dados para narrativa os materiais que trouxeram ao longo deste trabalho. Para criação deste personagem os alunos usarão a ficção, os fatos que foram levantados durante vídeo, escrita, entrevista e o próprio sentimento. Produzidas estas narrativas por parte dos alunos, o professor deve auxiliar nas orientações necessárias para que estas estejam adequadas para serem divulgadas, trabalhando com questões como reescrita, estrutura narrativa entre outras. Mas este auxílio deverá ser cuidadoso para que não se perca a autenticidade da escrita do aluno, pois o intuito é que eles se sintam e sejam autores.

Esta produção terá o objetivo de fazer com que os alunos se sintam capazes de escrever, criar personagens e perceberem que através dos estudos literários é possível refletir, criticar e ter o prazer de expor seus sentimentos enquanto membros de uma comunidade.

Este momento será de suma importância, visando que na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) encontra-se uma heterogeneidade de sujeitos. Assim, estão inseridos nesta modalidade jovens, adultos, idosos, brancos, negros, entre outros.

### **Divulgação:**

O quinto passo será de divulgação deste trabalho. Para isso, proponho que o professor coordene junto aos alunos a organização das narrativas e o preparo para posterior publicação.

Esta publicação, penso que poderia ser de caráter manual, pelo fato de a maioria das escolas públicas não terem orçamento para procurar uma editora.

Assim depois de ordenadas as narrativas, sugiro que o professor busque auxílio com a equipe gestora para que as mesmas possam serem impressas e encadernadas, ganhando forma de livros.

Nesta etapa do trabalho, o professor poderia levar a turma para o laboratório de informática para formatar, imprimir, organizar e encadernar. Este processo seria de extrema importância, pois envolveria os alunos a um trabalho completo, que iria desde a leitura e

análise social, passando pela escrita, e terminado com a editoração manual dos próprios livros.

Depois de editados os livros contendo as narrativas dos alunos, seria importante a organização de um momento para que os autores desta nova obra literária apresentassem à comunidade seus trabalhos. Proponho para isso um sarau literário aberto à comunidade. Neste momento, os alunos podem apresentar suas narrativas. Isso oportunizaria ao público presente e às pessoas as quais foram sujeitos de pesquisa e escrita que presenciem suas vivências através da narrativa, trazendo à tona memória, lembranças e culturas encontradas na comunidade.

Por fim, os alunos podem tornar o grupo no Facebook de caráter público para divulgar tanto a obra criada por eles quanto o romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Assim, o trabalho realizado poderia ganhar ainda mais importância ao alcançar comunidades distantes, servindo de incentivo para novas propostas de ensino.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo apresentar, a partir da leitura de *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, uma proposta metodológica que aborde a Literatura afro-brasileira e a possibilidade dos alunos a partir deste estudo refletirem e perceberem as diversas possibilidades que há para se tornarem sujeitos capazes de superar obstáculos que lhes são impostos com o sistema de sociedade no qual estamos inseridos.

Neste sentido, percebo a importância de ser trabalhada a Literatura nos estudos básicos e principalmente na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pelo motivo da maioria dos alunos estarem um longo tempo afastados da escola. Da mesma forma como a Literatura está ausente na grade curricular, infelizmente costuma estar também ausente do cotidiano desses alunos. Sendo assim, não só os estudos, mas também a presença da leitura se faz necessária no dia-a-dia destes alunos da modalidade de EJA, pois o ato de ler um “simples” poema, conto ou romance poderá proporcionar sonhar e refletir sobre uma outra maneira de enfrentar dificuldades.

Nesta ótica, Antônio Cândido afirma:

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabuloso. (CÂNDIDO, 1987, p. 174).



Este artigo tem a pretensão de causar reflexões a colegas professores que encontram as inúmeras dificuldades de estar em frente a uma turma de alunos dentro de uma sala de aula nas diversas escolas do nosso país. Através desta reflexão os docentes podem analisar e fazer uso de obras literárias nas diversas disciplinas contempladas nas grades curriculares da educação básica. Desta maneira possibilita-se ainda mais o ingresso da Literatura no ambiente escolar.

Acredito que este trabalho não se encerra por aqui. Assim, sigo minhas buscas e minha longa caminhada a fim de aprimorar esta e outras futuras metodologias procurando fortalecer a vivência dos estudos literários entre os nossos alunos.

## **REFERÊNCIAS**

CANDIDO, Antônio. O Direito à Literatura. In: \_\_\_\_\_ *Vários Escritos*. S.P: Editora Ática, 1987.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ªed, São Paulo: Contexto, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações Raciais no Brasil: uma breve discussão*. Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 . Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais: Ética*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.